


**Desenvolvimento do *self* dialógico de um jovem homossexual alvo de *bullying* homofóbico\***


**Development of the dialogical self of a young homosexual man targeted by homophobic bullying**

**Desarrollo del yo dialógico de un joven homosexual víctima de acoso homofóbico**

Francisco de Jesus Neves\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-1969-5602>

Angela Uchoa Branco\*\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-6127-1707>

**Resumo:** Neste estudo, analisou-se o desenvolvimento do *self* dialógico de um jovem negro homossexual submetido a *bullying* homofóbico na escola. A pesquisa foi norteada pela Psicologia Cultural Semiótica e pela Teoria do *Self* Dialógico, adotando uma metodologia qualitativa, longitudinal e retrospectiva. Buscou-se identificar e analisar, no discurso narrativo do jovem, significações de si, vivências, experiências, expectativas para o futuro, bem como recursos pessoais, simbólicos e culturais utilizados como mecanismos de resiliência e superação do *bullying*. Os resultados demonstraram, a partir de uma análise interseccional, que o jovem de 25 anos, homossexual, negro, pobre e periférico, enfrentou a escassez de oportunidades, mas seu investimento na educação e sua dedicação persistente aos estudos foram os principais recursos de resiliência e superação das agressões homofóbicas sofridas nas diferentes fases de seu desenvolvimento.

**Palavras-chave:** *Bullying* homofóbico. *Self* dialógico. Preconceito na escola.

**Abstract:** This study analyzed the development of the dialogical self of a young Black homosexual man subjected to homophobic bullying at school. The research was guided by Semiotic Cultural Psychology and

---

\* Pesquisa resultante de tese de Doutorado financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília (UnB), sob o Parecer nº 6.391.512. A pesquisa foi inteiramente realizada de acordo com o protocolo ético estabelecido na carta de revisão ética (Anexo VII) do documento de tese.

\*\* Doutor em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB); professor do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UCB); pesquisador do Laboratório de Psicologia Cultural da UnB; coordenador do Serviço de Psicologia da Associação e Creche Escola Comunitária Flor da Primavera. E-mail: <francisco-neves@hotmail.com>.

\*\*\* Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP); professora emérita da Universidade de Brasília (UnB); professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar da UnB. Email: <branco.angela@gmail.com>.

Dialogical Self Theory, adopting a qualitative, longitudinal, and retrospective methodology. It sought to identify and analyze, in the young man's narrative discourse, self-meanings, lived experiences, expectations for the future, as well as personal, symbolic, and cultural resources used as mechanisms of resilience and overcoming bullying. Based on an intersectional analysis, the results showed that the 25-year-old young man, who was homosexual, Black, poor, and from an urban periphery, faced a lack of opportunities, but his investment in education and persistent dedication to his studies were the main resources for resilience and for overcoming the homophobic aggression he experienced at different stages of his development.

**Keywords:** Homophobic bullying. Dialogical self. Prejudice at school.

**Resumen:** En este estudio se analizó el desarrollo del yo dialógico de un joven negro homosexual sometido a acoso homofóbico en la escuela. La investigación se guió por la Psicología Cultural Semiótica y la Teoría del Yo Dialógico, adoptando una metodología cualitativa, longitudinal y retrospectiva. Se buscó identificar y analizar, en el discurso narrativo del joven, significaciones de sí, vivencias, experiencias, expectativas de futuro, así como recursos personales, simbólicos y culturales utilizados como mecanismos de resiliencia y superación del acoso. Los resultados demostraron, mediante un análisis interseccional, que el joven de 25 años, homosexual, negro, pobre y de la periferia, enfrentó escasez de oportunidades, pero su inversión en la educación y su dedicación constante a los estudios fueron los principales recursos para la resiliencia y la superación de las agresiones homofóbicas sufridas en diferentes fases de su desarrollo.

**Palabras clave:** Acoso homofóbico. Yo dialógico. Prejuicio en la escuela.

## Introdução

A escola é lugar privilegiado de aprendizagem e de desenvolvimento da criança e do adolescente em suas dimensões humanas, intelectuais e socioafetivas (Fleer; Hedegaard; Tudge, 2012). É o espaço onde os alunos, além de aprender conteúdos e conhecimentos, aprendem a se relacionar e a interagir uns com os outros e, nessas relações com colegas e professores, desenvolvem-se. Assim, nessas interações, os alunos devem ser incentivados a agir e a trabalhar em colaboração (cooperação) e a se sensibilizarem com as dificuldades e os pontos de vista dos colegas (empatia e solidariedade). Isso, sem dúvida, contribui para o seu desenvolvimento pessoal (felicidade) e para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, democrática, pacífica e, sobretudo, diversa.

No entanto, Neves, Batista e Levandoski (2020) destacam que, nesses espaços, a maioria dos estudantes homossexuais não se sente segura, pois a escola não está preparada para auxiliá-los em situações de violência, como o *bullying* e a homofobia. Segundo Junqueira (2022), a escola parece estar limitada a trabalhar apenas com alunos alinhados à regra binária de gênero, que supõe ser a heterossexualidade a única forma “natural” e legítima de orientação sexual humana; qualquer pessoa que esteja fora dessa “normalidade” está condenada a sofrer discriminação, preconceito e *bullying* homofóbico.

Segundo Poteat e Espelage (2005), o *bullying* homofóbico caracteriza-se por envolver comportamentos associados ao *bullying* em geral, como agressões físicas, verbais, morais, psicológicas e sexuais, mas se manifesta revestido de conteúdos homofóbicos; nesse caso, utiliza-se da orientação sexual como forma de agredir a vítima.

Araújo *et al.* (2021) destacam que a expressão “*bullying* homofóbico” tem sido utilizada para designar atos de preconceito, discriminação e violência, particularmente no contexto da escola. No entanto, o *bullying* pode ocorrer em diversos outros contextos, como escola, grupo de amigos, família, ruas, praças, entre outros. Para Junqueira (2009), o termo remete a uma atitude desumanizadora contra aqueles/as que não seguem – ou se julga não seguirem – um desejo, uma identidade, um estilo de vida ou práticas afetivas e/ou sexuais de matriz heteronormativa.

A ocorrência do *bullying* homofóbico no contexto escolar é, portanto, uma questão preocupante que deve ser problematizada e analisada (Albuquerque; Souza, 2022; Albuquerque; Williams, 2015; Araújo *et al.*, 2021; Neves, 2024; Neves; Branco, 2024; Neves; Nogueira; Levandoski, 2024; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco, 2019; Santos; Silveira, 2021; Souza; Maia; Moreira, 2020). Em estudo qualitativo com universitários da região de São Paulo, no qual os participantes se autodeclararam *gays* ou lésbicas e vítimas de *bullying* homofóbico, os resultados revelaram que a vivência dos estudantes, tanto no ambiente escolar como fora dele, é pautada por preconceito, discriminação e exclusão devido à sua orientação sexual, fazendo com que muitos deles carreguem sentimentos de culpa internalizados ao longo da sua trajetória de desenvolvimento (Silva *et al.*, 2020).

Em nosso estudo longitudinal e retrospectivo, apresentado e discutido adiante, investigamos as situações de *bullying* homofóbico vivenciadas por dez homens cis homossexuais ao longo de suas trajetórias escolares e, aqui, apresentamos a análise em profundidade da trajetória de um dos participantes. O estudo teve como objetivo identificar e analisar como cada um significou suas vivências, suas experiências e seus posicionamentos, bem como suas expectativas para o futuro, visando identificar os processos envolvidos no desenvolvimento de seus respectivos sistemas de *self* dialógico. No contexto da pesquisa, investigamos a questão do *self* a partir da Teoria do *Self* Dialógico (Hermans, 2001; Hermans *et al.*, 2017; Monereo; Hermans, 2023) e dos fundamentos da Psicologia Cultural (Valsiner, 2012, 2014, 2021), apresentados a seguir.

### **Psicologia cultural e Teoria do *Self*Dialógico**

A abordagem de ser humano presente nas pesquisas orientadas pela Psicologia Cultural e pela Teoria do *Self* Dialógico pressupõe uma concepção dialógica (Marková *et al.*, 2007), em que o ser humano transforma e é transformado nas suas interações com o mundo. É na tensão dialética entre sujeito e contexto sociocultural que se torna possível o desenvolvimento do sujeito psicológico singular (Lopes de Oliveira, 2021).

A Psicologia Cultural Semiótica e a Teoria do *Self* Dialógico têm como um de seus pressupostos centrais a gênese social do desenvolvimento psicológico da pessoa, considerando conceitos como diálogo, mediação semiótica, cultura e experiência como ferramentas teóricas estruturantes de seu olhar teórico-analítico (Madureira; Branco, 2012). Isso permite que ambas as abordagens compreendam e analisem, sob uma óptica sociocultural e sistêmica, os efeitos do *bullying* homofóbico na trajetória de vida de jovens homossexuais.

Além disso, ambas as abordagens teóricas são orientadas por uma epistemologia qualitativa que considera a dimensão da subjetividade, configurando-se, assim, como as abordagens mais adequadas para pesquisar o desenvolvimento do Sistema de *Self* Dialógico da pessoa ao longo de seu curso de vida. No caso específico, demonstram-se muito úteis na compreensão dos processos de significação daqueles que foram submetidos a situações de *bullying* homofóbico em sua trajetória de desenvolvimento.

A Teoria do *Self* Dialógico concebe o *Self* Dialógico da pessoa como um sistema que articula várias *I-Positions* (Hermans, 2001), ou Posicionamentos Dinâmicos do *Self* em diálogo entre si (Branco; Freire; Roncancio-Moreno, 2020). O *Self*, portanto, não é algo unificado ou fixo, pois consiste em um sistema dinâmico em que posicionamentos diversos dialogam entre si, e o poder de dominação de uns sobre os outros dependerá da força ou intensidade afetiva mobilizada em determinados contextos. Por exemplo, na família, um posicionamento de “Eu-como-pai compreensivo” pode predominar, enquanto, no ambiente de trabalho desse pai, o “Eu-como-chefe exigente” pode ser dominante. Assim sendo, investigar como esse *Self* Dialógico se desenvolve

requer investigar como o sistema foi sendo constituído e quais fatores foram e estão envolvidos na coconstrução de significados nas interações sociais (processos de comunicação) estabelecidas com outros significativos. Será, então, preciso identificar, analisar e discutir as emergências, permanências e transições relativas aos Posicionamentos Dinâmicos de *Self* ao longo da trajetória narrada pelo participante.

Já a Psicologia Cultural Semiótica se sustenta em três princípios básicos: (1) o papel central da cultura e da agencialidade humana; (2) a mútua constituição sujeito-cultura; e (3) a ação permanente, ao longo da irreversibilidade do tempo, dos processos de internalização ativa das mensagens culturais – via canalização cultural (Valsiner, 2012), sustentada por processos afetivos – e a externalização das mensagens coconstruídas no ambiente da cultura, por parte do sujeito construtivo. Nesse caso, é necessário analisar como ocorrem e ocorreram processos de internalização e externalização de significados entre a cultura pessoal (nível do *Self*) e a cultura coletiva (nível do social).

Para a análise dos processos envolvidos nas trajetórias de desenvolvimento do Sistema do *Self* Dialógico no tempo irreversível, adotamos uma perspectiva metodológica qualitativa de caráter longitudinal conhecida como Abordagem da Equifinalidade de Trajetórias (*Trajectory Equifinality Approach* – TEA) (Sato; Mori; Valsiner, 2016; Zittoun; Valsiner, 2016). Essa abordagem visa analisar como trajetórias desenvolvimentais – marcadas por uma mesma condição ou um mesmo ponto de convergência (ou de equifinalidade) – são diferentes e podem gerar rupturas e transições que dão origem, ou possibilitam, caminhos diversos em termos das trajetórias subsequentes apresentadas pelas pessoas.

## Objetivo

O objetivo da pesquisa mais ampla em que se baseia este artigo, a tese de Doutorado do primeiro autor (Neves, 2024), orientada pela segunda autora, foi investigar, no discurso narrativo de jovens submetidos a *bullying* homofóbico na escola, a sua trajetória de desenvolvimento, visando identificar e analisar rupturas, transições, pontos de inflexão e os recursos pessoais e culturais (Zittoun, 2009) que atuaram como possíveis estratégias de resiliência e superação das situações de *bullying* homofóbico.

## Participante

Neste artigo, trazemos para análise e discussão o caso de um jovem negro, homossexual cis, no sentido de ilustrar como as teorias mencionadas podem servir de base para a construção de conhecimentos teóricos sobre os processos de enfrentamento e transições vivenciados por jovens que sofreram experiências de *bullying* homofóbico, destacando os recursos por eles mobilizados diante das experiências de sofrimento, resiliência e superação do impacto do *bullying*.

Ricardo (nome fictício) era um jovem negro, homossexual cis, que sofreu *bullying* homofóbico na escola. À época das entrevistas, tinha entre 25 e 26 anos de idade. As três entrevistas realizadas com o participante ocorreram após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) relativo à sua participação.

## Metodologia

A pesquisa se orientou pela metodologia qualitativa, de caráter idiográfico (Salvatore; Valsiner, 2023). Os dados empíricos foram construídos longitudinalmente durante entrevistas

ocorridas em três momentos distintos: Tempo 1 (T1), Tempo 2 (T2) e Tempo 3 (T3), com intervalo de aproximadamente dois meses entre uma entrevista e outra. A TEA (Sato; Mori; Valsiner, 2016) foi utilizada como proposta metodológica para identificar e analisar os processos de mudança, inflexões (*turning points*), rupturas e transições na trajetória desenvolvimental do jovem selecionado para o presente artigo, identificado com o nome fictício de Ricardo. A TEA permitiu analisar a própria perspectiva subjetiva do participante nas entrevistas, com o apoio de diários autobiográficos e outros instrumentos, tendo em vista o desenho da linha de vida do participante. Em sua análise, destacou-se a atuação de fatores situados nos níveis culturais micro, meso e macro (Zittoun; Valsiner, 2016), envolvidos nas experiências do participante da pesquisa.

A utilização da TEA auxiliou a compreender como Ricardo significou suas vivências, experiências passadas e expectativas para o futuro, possibilitando a análise dos múltiplos fatores que podem, em princípio, contribuir para a construção de preconceitos e de seu impacto no desenvolvimento do Sistema de *Self* Dialógico (Branco; Freire; Roncancio-Moreno, 2020). O estudo também contribuiu para a análise dos recursos utilizados diante das experiências causadas pelo sofrimento cotidiano de ser diferente das expectativas culturais dos papéis de gênero (Neves, 2024; Neves; Branco, 2024; Neves; Nogueira; Levandoski, 2024).

Ao fundamentar-se na articulação entre a Psicologia Cultural Semiótica e a Teoria do *Self* Dialógico, a trajetória de vida do jovem foi também analisada considerando seus entrecruzamentos com interseccionalidades, como orientação sexual, classe, raça-etnia, estética e religiosidade. Isso resultou na necessidade de estudar a complexidade das dimensões envolvidas na análise dos difíceis problemas e das dificuldades que jovens com histórico de *bullying* homofóbico precisam enfrentar.

O estudo implicou a realização de três entrevistas. A primeira entrevista com Ricardo (T1) foi realizada no dia 18 de agosto de 2023, gravada em audiovisual, e teve duração de 50 minutos. A segunda (T2) aconteceu no dia 21 de outubro de 2023, nas mesmas condições do encontro anterior, e teve duração de 35 minutos. A terceira (T3) ocorreu três meses depois de T2, em 25 de janeiro de 2024, e teve duração de uma hora e seis minutos. Na terceira entrevista, o pesquisador construiu com Ricardo sua linha de vida, com a marcação e discussão dos eventos que, para ele, foram mais significativos em sua vida. Ao final de T3, foi solicitado ao participante que completasse 12 frases, com o objetivo de evocar experiências e crenças sobre a homossexualidade e significações de si. Vale lembrarmos que o estudo teve como objetivo identificar e analisar Posicionamentos Dinâmicos de *Self* (Branco; Freire; Roncancio-Moreno, 2020) ao longo da trajetória do participante, bem como os variados fatores situados nos níveis micro, meso e macro do contexto cultural em que vivia, identificando e analisando os recursos pessoais, simbólicos e culturais utilizados por ele durante sua trajetória.

## Resultados – a trajetória de Ricardo

Em T1, Ricardo estava com 25 anos. Homem cis, homossexual, negro, magro, longilíneo, com cabelo *black power* e de baixa condição socioeconômica. Nascido em Salvador, Bahia, formou-se em Direito e morava sozinho em um subúrbio da capital baiana. Ele se reconhecia como homossexual e “diferente” desde a infância: “Eu sempre senti atração por homens, e assim, o que era estabelecido para os meninos da minha época, eu não me identificava, então **sempre tive essa noção de que eu era meio que um menino diferente**” (Ricardo, T1, ago. 2023). Assim, ele já se percebia como diferente.

Militante da causa LGBTQIA+<sup>1</sup>, sua narrativa descreve uma trajetória escolar e familiar marcada por *bullying* homofóbico, violação de direitos e discriminação racial. Ricardo sempre estudou em escola pública e vislumbrou na educação a possibilidade de um futuro melhor. Tornou-se advogado – desde T1, seu posicionamento como “Eu-advogado” se revelou dominante em seu Sistema de *Self* Dialógico – e, já em T1, imaginava-se, no futuro, assumindo o posicionamento almejado de “Eu-juiz”. Ao pensar nesse futuro, também se via como “Eu-com-cinco-filhos”, indicando seu desejo de ter uma família.

Com base em suas narrativas, a escolha da profissão de advogado parece ter relação direta com a crença em conquistar uma posição de **poder** para decidir sobre sua vida e sobre as coisas em geral. Segundo Ricardo:

Quando eu era menor eu pensava em ser *telemarketing*, porque *telemarketings* eram pessoas que mandavam em tudo... E eu também lembro de uma personagem que tinha numa novela, ela era promotora de justiça, e aí ela dava voz de prisão... Aí eu falei: “Puxa, que profissão incrível! Quero essa profissão para mim” (Ricardo, T1, ago. 2023).

As mensagens culturais e sugestões sociais recebidas na infância e na adolescência orientaram Ricardo na escolha da profissão de advogado. Por sua vez, o posicionamento “Eu-advogado” favoreceu o surgimento do posicionamento imaginado “Eu-juiz”, associado à figura de um profissional poderoso no futuro.

A profissão de advogado, inclusive, é defender os direitos das pessoas, e essa promotora de justiça ela se mostrava muito, muito poderosa, então eu decidi fazer Direito justamente por isso, né? Para lutar pelos direitos das pessoas [LGBTQIA+] (Ricardo, T1, ago. 2023).

Os ideais de justiça e a luta por direitos presentes em sua fala, portanto, sugerem a predominância do “Eu-advogado” e a existência do posicionamento “Eu-militante LGBTQIA+” no Sistema de *Self* Dialógico do participante.

### As primeiras experiências de *bullying* homofóbico – infância e adolescência

Na trajetória de Ricardo, homofobia e *bullying* estão presentes desde a tenra infância. Ainda na Educação Infantil, seus comportamentos, brincadeiras e falas já eram alvo de sutis julgamentos da sexualização adulta, do controle punitivo da sua família e da disseminação de boatos e fofocas (*bullying* indireto).

Eu, uma amiga e um amigo estávamos brincando, falando sobre uma festa que ia acontecer na escola, e aí eu falei que lá na escola ia ter um bolo de chocolate... esse amigo foi e contou para minha mãe que eu estava dizendo que eu ia chupar um menino com “negócio” [pênis] de chocolate, e aí eu tomei a pior surra da minha vida (Ricardo, T1, ago. 2023).

Para Ricardo, a escola fechava os olhos para o *bullying*, pois este era compreendido como brincadeira, mas a violência que ele sofria era sistemática. Em sua visão, essa violência era estrutural, pois a própria escola reforçava os papéis de gênero culturalmente determinados (Junqueira, 2009; Neves, 2020).

A gente vê uma violência que acontece de forma estrutural, na aula de Educação Física, futebol era restrito para os meninos e, como eu nunca gostei de futebol, jogava com as meninas, e ali já era mais uma porta para sofrer essas agressões (Ricardo, T1, ago. 2023).

---

<sup>1</sup> A sigla se refere a pessoas Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais, *Queers*, Intersexos, Assexuais e Outras identidades de gênero e orientações sexuais.

A preferência pelas brincadeiras de “meninas”, sua estética e seus comportamentos (modo de andar, de falar, de se vestir) atuavam como uma espécie de catalisador que atraía e reforçava o *bullying* homofóbico. As situações de *bullying* ocorriam em vários contextos. Perguntado como foi a sua experiência de *bullying* homofóbico na escola, Ricardo respondeu: “Foram muitas, né? Eu tinha o costume de andar na rua muito me rebolando, e aí me chamavam de gazela saltitante, de viadinho, de menina, de boneca, né? Me chamavam até de lacraia<sup>2</sup>”. Prosseguiu explicando: “Foram vários locais... no ambiente escolar, eu ficava muito com as meninas, aí eu era chamado de menininha também, de viadinho... Teve uma vez que eu estava retornando da escola e chegaram a me atirar pedras também, entendeu?”.

O apelido de lacraia era associado à sua estética. Ricardo é negro, magro, alto, usava cabelo *black power* e gostava de dançar, características semelhantes às da Funkeira Lacraia. As semelhanças com a funkeira e a preferência pela companhia das meninas, aliadas à omissão da família e da escola, potencializavam as situações de *bullying* homofóbico.

Ricardo relatou sentir-se impotente diante das agressões e não ter apoio da família: “Eu lembro que uma vez eu cheguei até a contar para minha mãe, aí ela disse que, se eu tivesse o jeito do meu irmão, que é o jeito de homem, eu não sofreria essas agressões. Então, no caso, ela me culpava pelas agressões que eu sofria das pessoas”.

Ele foi criado em um lar evangélico, seus comportamentos eram condenados pela igreja e por seus familiares, e sua mãe o responsabilizava pelas agressões. Embora tivesse a “consciência” da sua homossexualidade desde a tenra infância, Ricardo se escondia atrás do evangelho para que sua verdadeira orientação sexual não fosse revelada:

Eu precisava pagar de hétero; pra todo mundo, eu era hétero, e aí as pessoas me julgavam de eu não estar nesse ambiente masculino, né, de meninos, é porque eu era crente, entendeu? Aí eu estava meio que livre dessas coisas... os meninos da minha época só falavam sobre mulher e futebol. E como eram coisas que eu não falava, eu poderia estar fora por conta da religião, né? Me esconder atrás da religião (Ricardo, T1, ago. 2023).

Como sua religião era contrária a várias características atribuídas à masculinidade, ele se utilizava dessas proibições da igreja para não acompanhar os colegas. Ricardo internalizou os valores judaico-cristãos preconizados na igreja, na família e na escola e passou a acreditar que ser homossexual era algo errado, era pecado e que havia um espírito feminino que o possuía e o levava para o mau caminho. Isso lhe fora “revelado” por uma irmã da igreja; na época, ele estava com 16 anos. Rindo, relatou: “Uma vez, uma irmã da igreja falou para minha mãe que teve uma revelação, que eu **tinha o espírito feminino... E aí foi um momento de orar, de pedir a Deus para colocar um espírito masculino em mim...** E ali, eu fiquei comendo [calado] essa violência [...]” (Ricardo, T1, ago. 2023, grifo nosso). Perguntado se, na época, tinha a dimensão de que aquilo era uma violência, disse: “Não tinha, não! Para mim, o que falavam na igreja era o correto, ‘se Deus revelou, Deus está certo’... Aí, eu fui amadurecendo e deixei de frequentar a igreja, a formação superior que me trouxe outras perspectivas” (Ricardo, T1, ago. 2023).

Ao que tudo indica, Ricardo viveu um bom tempo de sua transição da infância para a adolescência convivendo com uma situação carregada de tensões e conflitos entre os posicionamentos “Eu-homossexual” e “Eu-pecador”. Este último parece ter sido superado apenas,

---

<sup>2</sup> Lacraia foi uma travesti negra, funkeira e dançarina que, em parceria com o MC Serginho, fez sucesso no Brasil, no início dos anos 2000, com os *hits* “Vai Lacraia” e “Eguinha Pocotó”. Lacraia faleceu em 2011 aos 33 anos, vítima de complicações da tuberculose.

segundo ele, à medida que foi amadurecendo, particularmente na vida adulta, com seu ingresso na faculdade.

A criança ou o adolescente vítima de *bullying* homofóbico, na maioria das vezes, não comunica à família, pois internaliza valores negativos sobre a homossexualidade. Acaba por acreditar que é responsável pelas agressões sofridas, como foi o caso de Ricardo, que não pedia ajuda aos professores ou à direção da escola, pois acreditava que as agressões eram resultado dos seus comportamentos, pensamentos, desejos e sentimentos pervertidos. Ele internalizou, no seu Sistema de *Self* Dialógico, valores negativos em relação ao fato de ser homossexual.

Eu não lembro de ter recorrido para pedir ajuda a professor, à direção, não me recordo de nenhum momento, até porque, por eu ser ainda evangélico, de frequentar a igreja, **eu ficava com muito medo de levar uma situação para eles**. E aí chamar o meu responsável, chamar a responsável daqueles agressores para fazer uma reunião (Ricardo, T1, ago. 2023, grifo nosso).

No Ensino Médio, Ricardo estudou em uma escola maior, ampliou suas amizades, estabeleceu novas interações e se sentia acolhido pelos novos colegas. Segundo ele, passou a não se importar mais com os apelidos, utilizando recursos pessoais como mecanismos de resiliência e superação das situações de *bullying*. Surge aí o posicionamento que vai se firmando com o tempo e que se caracteriza, na vida adulta, como especialmente poderoso: o “Eu-resiliente”. Ao ser perguntado o que mudou para ele no Ensino Médio, respondeu que “[eu] me sentia mais confortável convivendo com as meninas, que me incentivavam ao estudo” (Ricardo, T1, ago. 2023). Explicando por que isso ocorreu, acrescentou:

Eu descobri que, quando eu me irritava, eles faziam mais, aí eu falei: “Ah, a partir de agora, vou deixar para lá. Quer chamar de bonequinha, de menininha, chame”. E aí essas agressões foram diminuindo e, também, tem aquela questão, né, de emprestar o caderno. Quando eles [os agressores] precisavam de uma atividade, eu emprestava o caderno com as respostas, e aí era meio que uma troca de favores (Ricardo, T1, ago. 2023).

Aqui observamos o papel central das meninas como grupo de apoio para Ricardo desenvolver e utilizar recursos pessoais para superar e reduzir situações de *bullying*. É muito interessante notar que ele fez uso de duas estratégias bem-sucedidas para minimizar o *bullying*: não mais satisfaz o desejo de os agressores o humilharem e passou a utilizar, como recurso pessoal, a qualidade superior de sua aprendizagem na escola, emprestando o seu caderno com as respostas certas como forma de controlar esses colegas e reduzir as agressões.

A trajetória de Ricardo, porém, também traz registros de acolhimento e empatia. Na transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, seu desempenho escolar e interesse pelos estudos diminuíram, o que preocupou os professores, em especial, uma professora. Esta, então, teve um papel muito importante para ele. Ele afirmou:

Um momento que eu gosto muito de destacar é do meu Ensino Fundamental na 5ª série, né? Uma professora me deu esse choque de realidade, sabe? Me mostrou a minha nota, e ela falou assim: “Se você continuar nesse nível, você vai ter que repetir a 5ª série de novo”. E aí foi, acredito que, uma virada de chave. Depois disso, eu estudei, né, para não perder de ano e tirei ali uma das melhores notas da sala e só quis sempre estar no primeiro lugar (Ricardo, T1, ago. 2023).

### A formação superior e o “Eu-advogado”: ruptura e transições

A formação superior abriu caminho para novas significações de si e Posicionamentos Dinâmicos de *Self* mais reflexivos. Aqui identificamos o posicionamento “Eu-resiliente”, que conduziu Ricardo a entrar para a faculdade e surgiu de sua capacidade de ressignificar as agressões homofóbicas, transformando-as em motivação para a superação dos preconceitos e o alcance do

futuro imaginado, à época um futuro como “Eu-advogado”. Mais adiante em sua vida, novos posicionamentos foram, então, imaginados sob a forma de “Eu-juiz” e “Eu-com-cinco-filhos”.

Eu sou uma pessoa muito resiliente, sabe? Eu sempre peguei essas agressões e transformei em força para poder seguir e ajudar outras pessoas que, com certeza, passarão por essas situações também [...]. (Ricardo, T2, out. 2023).

O ingresso no Ensino Superior marcou, então, o início do rompimento com o ciclo de violências vividas ao longo de sua trajetória escolar. Entretanto, não se tratava do fim das violências, mas, sim, da construção/emergência de um Sistema de *Self* Dialógico reconfigurado de maneira radical para o enfrentamento das manifestações de homofobia em geral – observa-se, aqui, o empoderamento do posicionamento “Eu-resiliente”.

O ingresso no Ensino Superior e a vida adulta podem ter sido o “fim” do *bullying* homofóbico, mas não da homofobia e da violação de direitos. Ainda na graduação, Ricardo teve sua casa invadida por policiais. Quando se é homossexual, preto e periférico, as opressões são cruzadas e indissociáveis e, nesse caso, a integridade física e moral da pessoa é frequentemente violada, e os títulos acadêmicos são colocados à prova, como demonstrado no relato do participante:

Tem um momento que se tornou um incentivo muito grande na minha vida... três policiais entraram na minha casa pra fazer uma vistoria e ficaram o tempo todo me perguntando: “Cadê as drogas?”. E aí, eu falei: “Eu não uso drogas”... Aí ele perguntou onde eu trabalhava, onde eu estudava, falei que eu estudava na Faculdade [nome da faculdade]. Aí ele falou assim: “Oxe, você com jeitinho de viado estuda em faculdade evangélica? Você acha que eu vou comer esse baratino [história/mentira]?”. Aí eu tive que mostrar o comprovante de matrícula. Esse momento foi a virada de chave na minha vida, porque eu falei: “Um dia eu vou poder falar para ele [os policiais] que vai ter advogado com jeitinho de viado sim, e formado em Faculdade Evangélica” (Ricardo, T2, out. 2023).

O ingresso no Ensino Superior foi uma ruptura e momento de transição, ampliação de horizontes e perspectivas, reconhecimento de direitos, valorização pessoal e novas percepções de si, dando origem (ou reafirmando) novas configurações no seu Sistema de *Self* Dialógico. Ricardo passou a se perceber como “Eu-estudante com voz”, o que foi facilitado pelo contexto acadêmico.

Quando eu cheguei na universidade, foi uma mudança totalmente diferente, né? Eu chego num ambiente acadêmico e de nível superior, né, deixa de acontecer essas agressões diretamente e passam a ser algumas indiretas, por ser uma faculdade evangélica, mas aí **eu ganho uma voz mais ativa, né, de poder falar que eu tenho direitos e que eu posso ser o que eu quiser** (Ricardo, T2, out. 2023, grifo nosso).

Em T2, Ricardo narrou a emergência e o desenvolvimento de um posicionamento de *Self*, o “Eu-multitarefa”, proativo, capaz de realizar muitas atividades ao mesmo tempo. Além da atividade de advogado autônomo, fazia sapateado, cursava uma extensão sobre identidade de gênero e orientação sexual, atuava como coreógrafo, participava de dois projetos de arte-dança relacionados, era membro de uma comissão da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e fazia autoescola para tirar a primeira habilitação. A realização de multitarefas, ao que tudo indica, está relacionada à crença desenvolvida na infância de ter poder para decidir sobre as coisas em geral. Apresentar a carteira da OAB tornou-se, para ele, um signo poderoso e fundamental para que as pessoas o respeitem, o escutem e o aceitem.

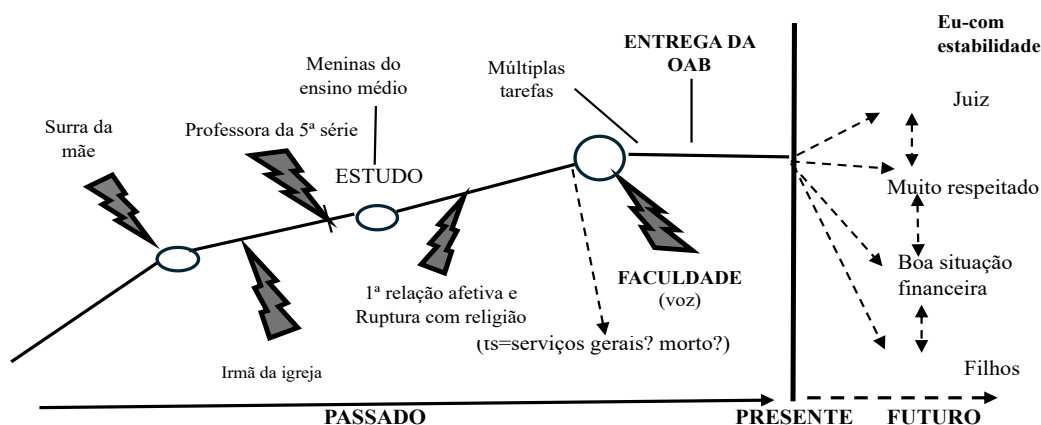
Em alguns lugares que eu chego enquanto advogado, **as pessoas só levam fé depois que eu mostro a minha carteira**, porque senão eu passo despercebido... inclusive hoje eu faço parte de uma comissão, a Comissão Diversidade da OAB, a gente está lutando para que os escritórios de advocacia contratem pessoas LGBTQIAPN+, porque o padrão que eles querem como advogado é o padrão europeu (Ricardo, T2, out. 2023, grifo nosso).

## Eventos mais marcantes em sua vida

Em T3, realizamos uma avaliação conjunta de sua trajetória, construindo sua Linha da Vida. Por fim, ele completou as frases solicitadas, evidenciando, mais uma vez, que se tornar advogado, ser proativo e o desejo de ser juiz e pai preponderavam em sua vida.

A Figura 1 – Linha da Vida – indica o conjunto de fatores e acontecimentos que atuaram sobre o desenvolvimento do seu Sistema de *Self* Dialógico, como a ruptura do vínculo afetivo com a mãe; a ruptura com a religião; o ponto de inflexão representado pela volta aos estudos incentivada pela professora da 5ª série; a ruptura/emergência do “Eu-estudante com voz”, quando do ingresso na faculdade de Direito; o “Eu-advogado” respeitado com a entrega da carteira da OAB; e a consequente transição para uma posição de poder que interrompeu o ciclo de *bullying* homofóbico. Além disso, o modelo TEA identifica as projeções do “Eu” para o futuro e as possíveis “trajetórias-sombra”, que poderiam ter ocorrido caso os eventos marcantes de sua vida não tivessem ocorrido e lhe permitido tomar outro rumo. São estas: trabalhar em serviços gerais, caso não estudasse, ou talvez ser morto, caso se envolvesse em negócios ilícitos.

**Figura 1** – Linha da Vida de Ricardo: pessoas/eventos significativos, rupturas e transições



Fonte: Adaptado de Neves (2024).

Legenda: ts = trajetória sombra.

Em T3, Ricardo referiu-se, como evento marcante, à sua primeira relação homoafetiva no Ensino Médio. Em nossa análise, essa experiência significou uma inflexão que aponta para o início de uma ruptura com a religião, concretizada em definitivo com o ingresso no Ensino Superior. Também deu grande ênfase à “surra que minha mãe me deu”. Disse que “[...] a surra também que minha mãe me deu, porque depois disso eu fiquei muito receoso de criar amigos” (Ricardo, T3, jan. 2024). A mãe de Ricardo havia falecido cerca de seis meses antes de T1. Em T1 e T2, ele pouco disse sobre a relação com a mãe, provavelmente porque essas punições provocaram uma séria ruptura afetiva entre mãe e filho.

Ricardo também mencionou a “fala da irmã da igreja” sobre o espírito feminino que estaria possuindo seu corpo e sendo o responsável pela sua homossexualidade, e o quanto isso o abalou na época. Contudo, enfatizou a importante intervenção da professora Marisa na “5ª série”, que marcou, em sua trajetória, uma inflexão positiva em direção à dedicação aos estudos, bem como o significativo apoio, no Ensino Médio, das meninas estudiosas que formaram seu novo grupo de amizade e o incentivaram a estudar. A partir daí, observa-se que todas essas experiências atuaram para gerar um ponto de inflexão em sua vida de resiliência e resistência.

A entrada na faculdade foi, sem dúvida, o acontecimento mais significativo na trajetória de Ricardo e marcou a ruptura com o ciclo de *bullying* homofóbico, levando à emergência do Posicionamento Dinâmico de *Self* “Eu-estudante com voz”, respeitado. A cerimônia de entrega da carteira da OAB o emocionou:

A mesa foi muito diversa, encontrei lá um advogado igual a mim, que tinha *black*, uma advogada que tinha *dread*, aquela mesa foi preparada para mim. Eu fiquei imaginando, chegar para receber minha carteira e estar cercado de pessoas brancas, mas, **graças a Deus, tinha esses pontinhos lá na mesa, eu consegui me identificar** (Ricardo, T3, jan. 2024, grifo nosso).

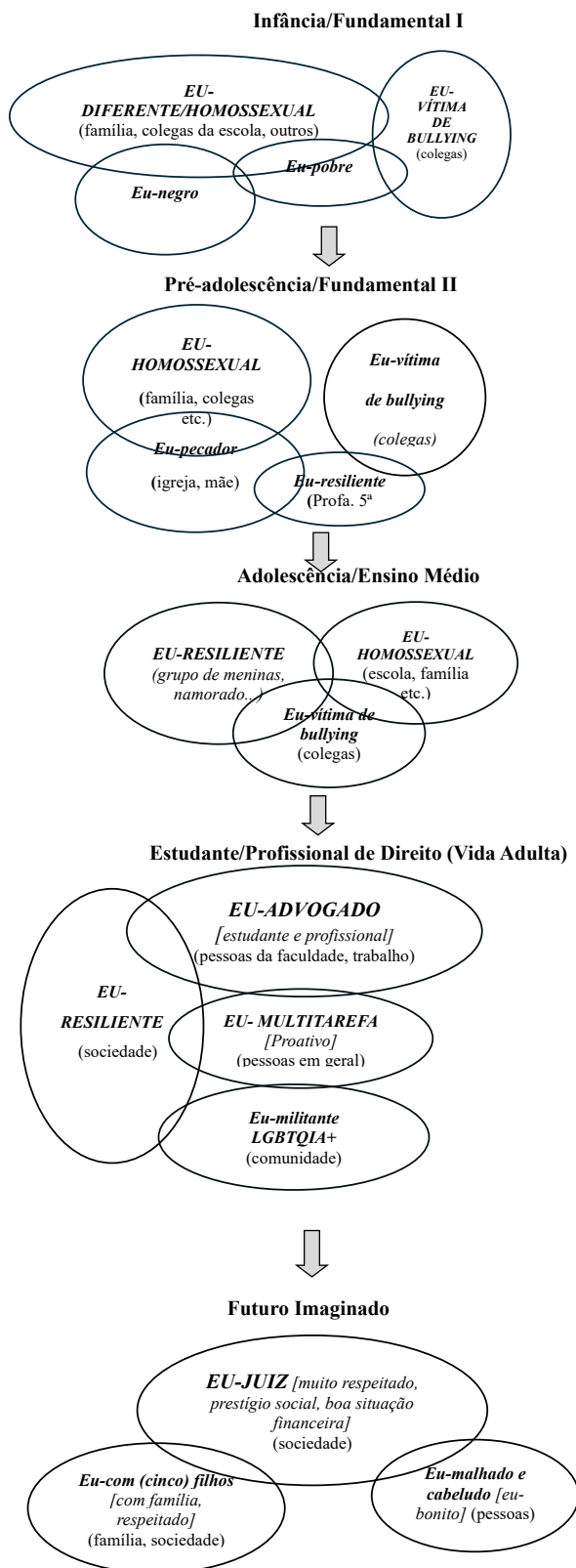
No final de T3, diante de perguntas sobre possíveis caminhos, caso não tivessem ocorrido todos esses eventos marcantes com ele, Ricardo ponderou que a vida sem *bullying*, sem dúvida, teria sido melhor. No entanto, ele não considerou ser possível reverter a sua orientação sexual. A ideia de reversão – quando das rezas para substituir seu espírito feminino pelo masculino – foi totalmente superada na adolescência. Caso fosse heterossexual, ele disse imaginar que “[...] estaria casado, cheio de filhos nas costas” (Ricardo, T3, jan. 2024). Referiu-se a seu irmão mais velho, casado desde os 18 anos e com três filhos, parecendo sugerir que o irmão se casou muito cedo e não se preparou profissionalmente para sustentar uma família, o que ele, homossexual, teve a oportunidade de fazer.

Ricardo imagina um futuro de conquistas e sucesso na vida que, resumidamente, seria o alcance da tão sonhada estabilidade financeira que os jovens querem tanto conquistar. Disse que “[a] pesar da minha cor preta, da minha origem periférica, dos meus trejeitos, das minhas características biológicas, físicas, quero estar ocupando, sim, um cargo de promotor ou juiz, com uma família bem estruturada, com meus filhos” (Ricardo, T3, jan. 2024).

Indicou claramente seus posicionamentos do futuro imaginado: “Eu-juiz” e “Eu-com-cinco-filhos”, que se mantiveram predominantes no Sistema de *Self* de Ricardo em T3, predominância corroborada nas respostas dadas às frases para complementação: “No futuro, o mais importante para mim...” e “Eu imagino o futuro...”.

A Figura 2, apresentada a seguir, busca caracterizar o desenvolvimento do Sistema de *Self* Dialógico de Ricardo ao destacar o movimento identificado nos Posicionamentos Dinâmicos de *Self* ao longo das etapas de escolarização. O tamanho do círculo e das letras maiúsculas ou minúsculas, assim como o negrito, representam a força relativa dos Posicionamentos Dinâmicos de *Self* e sua respectiva predominância na referida etapa da vida. Entre parênteses, estão especificados os outros sociais relacionados a cada posicionamento.

Figura 2 – Posicionamentos Dinâmicos do *Self* inferidos a partir da narrativa de Ricardo sobre sua trajetória de vida



Fonte: Sistema de *Self* Dialógico adaptado de Neves (2024).

## Discussão

Os resultados revelaram aspectos importantes da dinâmica do desenvolvimento do Sistema de *Self* Dialógico do participante, impulsionado pelo poder da internalização das mensagens culturais recebidas e por sua agencialidade ao longo de sua trajetória subjetiva. Ricardo experimentou o *bullying* homofóbico, o preconceito e a discriminação de diferentes formas, por ser homossexual, negro e ter sua estética e *performances* distintas das socialmente consagradas. Usou recursos e estratégias diversos ao reagir de maneira diferente às experiências de *bullying* homofóbico nas diferentes fases de seu desenvolvimento. A utilização da metodologia TEA foi especialmente produtiva para identificar e analisar, no discurso narrativo do jovem, as transformações no seu Sistema de *Self* Dialógico, os processos de ressignificação de si e os eventos marcantes em sua vida, revelando a riqueza e a complexidade dessas configurações ao longo de seu desenvolvimento.

A trajetória de vitimização por *bullying* homofóbico teve um importante papel na escolha de tornar-se advogado. Ser juiz no futuro, ser respeitado por isso e mudar de vida ocuparam um papel central em seu projeto de vida. Isso está de acordo com a postulação teórica da Psicologia Cultural Semiótica, que atribui às antecipações e expectativas relativas ao futuro imaginado um significativo poder na definição das ações, dos pensamentos e sentimentos no momento presente (Branco, 2023; Valsiner, 2021). Além disso, a experiência com o *bullying* homofóbico, os xingamentos e os apelidos recebidos contribuíram para sua militância pela causa LGBTQIA+ (“Eu-militante LGBTQIA+”).

De acordo com a Psicologia Cultural Semiótica (Valsiner, 2021), observamos como Ricardo foi ressignificando os eventos e as experiências por que passou, a partir de valores associados à conquista de poder pessoal – ver a relevância dos signos “formatura em Direito” e “carteira da OAB” –, levando ao prestígio e à estabilidade financeira. Lopes de Oliveira e Nascimento (2022) destacam que a prospecção imaginária de possibilidades de futuro altera a compreensão do sujeito sobre si no presente, fazendo com que o passado e as memórias sejam reconstruídos. O Sistema de *Self* Dialógico é dinâmico em sua natureza (Hermans, 2018) e afetivo-semiótico em sua qualidade (Branco; Freire; Roncancio-Moreno, 2020), e a imaginação é parte central dessa dinâmica. De acordo com a Psicologia Cultural Semiótica (Branco, 2023; Zittoun; Valsiner, 2016), o poder da imaginação sobre o futuro é incontestável quanto à motivação e às ações da pessoa no presente.

Analisar a trajetória de Ricardo por uma perspectiva crítica e interseccional permitiu-nos ter uma dimensão das dores e lutas de um jovem homossexual, negro, pobre e periférico, que enfrentou o *bullying* homofóbico, teve seu lar violado, seu *status* de estudante universitário frequentemente questionado e, com muita dedicação aos estudos, seu principal recurso pessoal de resistência e superação das agressões, conseguiu tornar-se advogado.

Ricardo foi e é atravessado pelo cruzamento entre o capitalismo, o racismo e a homofobia. O *bullying* que experimentou vinha sempre revestido de conteúdos relacionados à sua orientação sexual, sua cor e sua estética. Essas intersecções não o fizeram desistir do seu objetivo de se tornar advogado; pelo contrário, ele se mostrou resistente e resiliente diante das críticas e da rejeição à sua pessoa.

A experiência relatada por Ricardo é uma amostra de como as estruturas do capitalismo, o machismo, o racismo e a cisnormatividade operam na sociedade com o apoio das instituições. Certamente, um homem branco cisgênero e homossexual, que ocupa um posicionamento de maior privilégio, não teria seu lar violado e tampouco seria submetido à abordagem relatada pelo participante. Isso não significa dizer que homens brancos homossexuais não sofram, também, *bullying* e preconceito. Afinal, a realidade social é violentamente heteronormativa, e é preciso pensar

nos privilégios e nas diversas formas de desigualdade, sempre na busca de garantir a todos e todas maior respeito e acesso a bens e recursos valorizados culturalmente (Quinalha, 2022).

Nesse sentido, cabe à escola, como espaço privilegiado, no qual há um encontro de fatores sociais somados à classe e à raça, trabalhar no combate ao *bullying* homofóbico, ao racismo e a todas as formas de opressão, em vez de se calar, como fez na trajetória em análise. Trabalhar questões relacionadas à diversidade sexual, étnico-racial e de gênero na construção da paz significa dizer que a escola necessita se comprometer com um trabalho sistemático relacionado ao desenvolvimento de valores sociais positivos em sala de aula, valorizando a diversidade, a democracia e os direitos humanos (Branco; Paula; Dusi, 2025; Madureira; Branco, 2015). Isso inclui o direito à livre orientação sexual e à identidade de gênero nas relações entre alunos e professores (Neves, 2024; Sponchiado, 2017).

O *bullying* homofóbico e o racismo no âmbito escolar podem prejudicar o desempenho dos sujeitos e construir muros invisíveis quanto às oportunidades que estariam por vir (Brito; Martins, 2021), não permitindo que eles caminhem em direção a um projeto de vida, persigam objetivos, realizem sonhos e, sobretudo, imaginem um futuro melhor. Tudo fica distante e inatingível, porque “[...] onde a gente não se vê, a gente não se projeta” (Pinheiro, 2023, p. 20).

Somado a isso, o mundo do trabalho está sujeito a conformações racistas, sexistas e homofóbicas, limitando as opções de atividade econômica para homossexuais negros a profissões como cabeleireiro ou operador de *telemarketing*, esta última citada pelo participante. Enquanto isso, para os homossexuais brancos de classe média, a formação em nível superior e os contatos privilegiados permitem uma ampliação qualitativa do escopo de carreiras profissionais que logram respeitabilidade e prestígio social, como a medicina e o direito (Luz, 2011). Não por acaso, Ricardo escolheu ser advogado, justamente pela crença no poder da profissão, vista como meio para a resolução de conflitos e garantia de direitos.

## Conclusão

A prevenção ao *bullying* homofóbico demonstra-se um trabalho árduo e inclui não apenas questões relativas à diversidade sexual e de gênero, mas também à construção de uma cultura de paz, à empatia e ao desenvolvimento ético-moral dos estudantes (Branco, 2023; Branco; Paula; Dusi, 2025). No entanto, intervenções na escola podem promover o desenvolvimento de valores sociais positivos, os quais podem ser internalizados e externalizados em contextos sociais mais amplos, construindo uma sociedade implicada na valorização das diferenças interpessoais e no respeito mútuo.

As perspectivas teóricas aqui adotadas são otimistas em termos de desenvolvimento humano e de transformação social, e o fato de o ser humano se configurar como um sistema aberto – resultante de causalidade múltipla e interdependente em sua relação com a cultura na qual está inserido – amplia suas possibilidades de desenvolvimento e transformação (Valsiner, 2012, 2014, 2021). Sobretudo se houver motivação da comunidade escolar, da família e da sociedade, é possível coconstruir uma nova realidade fundamentada na paz, na solidariedade nas interações e relações sociais e no respeito a todas as pessoas (Manzini *et al.*, 2012), pois não é possível lidar com o *bullying*, a homofobia e o racismo sem abordar o assunto (Reis, 2024).

E como isso pode ser feito? No ambiente escolar, atividades cooperativas e discussões dialógicas sobre questões como gênero e diversidade sexual, bem como questões de racialidade e desigualdades sociais, com a participação de professores, pais, estudantes e membros da comunidade em diálogos interdisciplinares, em sala de aula e em atividades mais amplas, poderão

auxiliar a todos a compreender o que vem a ser orientação homossexual, homossexualidade, bissexualidade, transexualidade etc., variantes da expressão da sexualidade humana que ninguém escolhe intencionalmente (Neves, 2020, 2024; Neves; Batista; Levandoski, 2020).

No âmbito das instituições de ensino, acreditamos que os espaços dialógicos são, sem dúvida, ferramentas de fundamental importância na construção cotidiana de uma cultura de paz e de valorização da diversidade, pois permitem que as pessoas se expressem mais livremente (Branco; Madureira, 2026). O diálogo apresenta, portanto, profundas implicações em termos éticos e sociais. No entanto, reconhecemos que muitos professores não têm ideia de como inserir e iniciar, em suas aulas, a discussão de temas ainda tão sensíveis, além de não conhecerem materiais adequados para isso. Nesse caso, consideramos que esta pode ser função da psicologia: pesquisar, junto aos docentes, formas de abordar os temas em cada um dos componentes do currículo, além de buscar materiais diversificados, como livros didáticos, cartilhas, livros de história com personagens negros LGBTQIA+, famílias homoafetivas e monoparentais, mesmo que o racismo e a diversidade não sejam trabalhados naquele momento; jogos, brinquedos e brincadeiras afrocentrados, bonecos e bonecas negras, entre outros recursos (Reis, 2024).

Considerando os efeitos negativos do *bullying* homofóbico sobre o desenvolvimento de jovens homossexuais (Albuquerque; Souza, 2022; Albuquerque; Williams, 2015; Araújo *et al.*, 2021; Neves, 2024; Neves; Branco, 2024; Neves; Nogueira; Levandoski, 2024; Santos; Silveira, 2021; Souza; Maia; Moreira, 2020; Unesco, 2019) e o fato de que este, possivelmente, seja um dos primeiros estudos qualitativos sobre o tema orientado pela Psicologia Cultural e pela Teoria do *Self* Dialógico, apontamos para a necessidade de realização de mais trabalhos de pesquisa e intervenção sobre o tópico, visando prevenir a ocorrência de tais situações de violência, que provocam tanto sofrimento, bem como abrir caminhos capazes de transformar uma cultura de intolerância em uma cultura de saudável convivência entre as pessoas.

## Referências

- ALBUQUERQUE, P. P. de; SOUZA, D. A. A. “Relembrando os tempos de escola”: A homofobia na perspectiva de estudantes universitários. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 17-29, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.13.1.2022.2>
- ALBUQUERQUE, P. P. de; WILLIAMS, L. C. de A. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 663-676, 2015. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2015.3.11>
- ARAÚJO, M. C. C.; SILVA JÚNIOR, J. C. da; FRANÇA, R. de; GOMES, J. C. de S. *Bullying*, preconceito e violência LGBTQIA+fóbica em ambiente escolar: uma análise no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 9, n. 2, p. 574-614, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v9i2.13266>
- BRANCO, A. U. Socialização, valores e desenvolvimento moral no contexto escolar. *In*: NEVES-PEREIRA, M.; BRANCO, A. U. (org.). **A psicologia cultural chega à escola**. [S. l.]: Emerald Publishing Limited, 2023. p. 85-104. DOI: <https://doi.org/10.1108/979-8-88730-144-020251006>
- BRANCO, A. U.; FREIRE, S. F.; RONCANCIO-MORENO, M. Dialogical Self System development: The co-construction of Dynamic Self Positions along the life course. *In*: LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S.; BRANCO, A. U.; FREIRE, S. F. D. C. (org.). **Psychology as a dialogical science: Self and culture mutual development**. [S. l.]: Springer, 2020. p. 53-72. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-030-44772-4\\_3](https://doi.org/10.1007/978-3-030-44772-4_3)

BRANCO, A. U.; MADUREIRA, A. F. do A. Desconstruindo radicalismos e preconceitos: o papel da educação dialógica na construção de uma ética democrática. *In*: BRANCO, A. U.; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. (org.). **Psicologia dialógica**: debates contemporâneos. Campinas: Alínea, 2026. p. 83-114.

BRANCO, A. U.; PAULA, L. D.; DUSI, M. M. O paradigma dialógico e a cultura de paz nas escolas: contribuições da psicologia cultural semiótica. *In*: MADUREIRA, A. F. do A. (org.). **Psicologia & Educação**: cultura de paz, diversidade e direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2025. p. 25-53.

BRITO, G. da S.; MARTINS, E. Trajetórias escolares de universitários negros e a interseccionalidade entre raça e homossexualidade: uma análise histórico-cultural. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL, 3., CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILDIDADES EM EDUCAÇÃO, 5., 2021., Vitória. **Anais eletrônicos** [...]. Vitória: UFES, FAPES, 2021. Disponível em: <https://ojs3.ufes.br/cnafricab/article/view/34120>. Acesso em: 27 maio 2026.

FLEER, M.; HEDEGAARD.; TUDGE, J. **Childhood studies and the impact of globalization**: Policies and practices at global and local levels. Abingdon: Routledge, 2012. (World Yearbook of Education 2009).

HERMANS, H. The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. **Culture & Psychology**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 243-281, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1177/1354067X0173001>

HERMANS, H. **Society in the self**: A theory of identity in democracy. Oxford: Oxford University Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190687793.001.0001>

HERMANS, H.; KONOPKA, A.; OOSTERWEGEL, A.; ZOMER, P. Fields of tension in a boundary-crossing world: Towards a democratic organization of the self. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, [s. l.], v. 51, p. 505-535, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12124-016-9370-6>

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. *In*: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Unesco, 2009. p. 13-37. (Coleção Educação para Todos, vol. 32).

JUNQUEIRA, R. D. **A invenção da “ideologia de gênero”**: um projeto reacionário de poder. Brasília: Letras Livres, 2022.

LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S. Psicologia Cultura-semiótica: aportes para a abordagem científica do desenvolvimento humano na contemporaneidade. *In*: MADUREIRA, A. F. do; BIZERRIL, J. (org.). **Psicologia & cultura**: teoria, pesquisa e prática profissional. São Paulo: Cortez, 2021. p. 23-54.

LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S.; NASCIMENTO, P. P. M. Análise de trajetórias e o estudo do desenvolvimento psicológico adulto. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, p. 225-244, abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2022v28p225-244>

LUZ, R. S. A intersecção dos conjuntos: gays e lésbicas negras em confronto com as hegemonias e sub-hegemonias. *In*: VENTUR, G.; BOKANY, V. (org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 127-129.

MADUREIRA, A. F. do A.; BRANCO, A. U. As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. *In*: BRANCO, A. M. C. U. de A.; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S. (org.). **Diversidade e cultura de paz na escola**: contribuições da perspectiva sociocultural. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 125-155.

MADUREIRA, A. F. do A.; BRANCO, A. U. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2015.3.05>

MANZINI, R. G. P.; LEITE, L. M. N.; CARDOSO, B. C. C.; GONZÁLEZ, A. M.; BRANCO, A. U. A questão do *bullying*: prevenção da violência e promoção da cultura da paz. *In*: BRANCO, A. M. C. U. de A.; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S. (org.). **Diversidade e cultura de paz na escola**: contribuições da perspectiva sociocultural. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 311-326.

MARKOVÁ, I.; LINELL, P.; GROSSEN, M.; SALAZAR ORVIG, A. **Dialogue in focus groups**: Exploring socially shared knowledge. [S. l.]: Equinox Publishing, 2007.

MONEREO, C.; HERMANS, H. Education and dialogical self: state of art. (Educación y yo dialógico: estado de la cuestión). **Journal for the Study of Education and Development**, [s. l.], v. 46, n. 3, p. 445-491, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/02103702.2023.2201562>

NEVES, F. de J. **Bullying e homofobia no contexto escolar**: concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio no Mato Grosso do Sul. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

NEVES, F. de J. **Desenvolvimento do Self Dialógico de homens cis homossexuais submetidos a bullying homofóbico**. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar). Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

NEVES, F. de J.; BATISTA, E. S.; LEVANDOSKI, G. Visões preconceituosas e homofóbicas de estudantes do ensino médio. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 22, n. 49, p. 5-21, jan./mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17648/textura-2358-0801-22-4899>

NEVES, F. de J.; BRANCO, A. U. Bullying homofóbico e o desenvolvimento do *self* dialógico. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 833-853, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v12i1.17340>

NEVES, F. de J.; NOGUEIRA, C. V.; LEVANDOSKI, G. Retrato das pesquisas científicas sobre *bullying* homofóbico no Brasil. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 11, n. 4, p. 59-72, 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. Paris: Unesco, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>. Acesso em: 27 maio 2026.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2023.

POTEAT, V. P.; ESPELAGE, D. Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: The Homophobic Content Agent Target (HCAT) Scale. **Violence & Victims**, [s. l.], v. 20, n. 5, p. 513-528, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1891/vivi.2005.20.5.513>

QUINALHA, R. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

REIS, T. S. Educação das relações étnico-raciais: um ponto de encontro entre Psicologia Escolar e Movimento Negro. *In*: NEGREIROS, F.; AMARAL, T. P. do (org.). **Psicologia Escolar Crítica e movimentos sociais**. Campinas: Alínea, 2024. p. 85-102.

SALVATORE, S.; VALSINER, J. **Ten years of idiographic science**. Charlotte: Emerald Publishing Limited, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1108/979-8-88730-029-0>

SANTOS, D. S. G. dos; SILVEIRA, V. T. (2021). Bullying homofóbico: a ótica das práticas pedagógicas na Educação Física escolar. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 6-25, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9771/cgd.v7i2.36122>

SATO, T.; MORI, N.; VALSINER, J. **Making of the future**: The Trajectory Equifinality Approach in cultural psychology. Charlotte: Information Age Publishing, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1108/978-1-68123-548-6>

SILVA, C. B. P.; OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; SILVA, M. A. I. Bullying homofóbico e desengajamento moral: quando a justificativa moral e a culpabilização dizem “presente”. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 15, n. 4, p. 2066-2077, 2020.

SOUZA, L. E. C.; MAIA, L. M.; MOREIRA, P. L. Bullying: uma expressão do preconceito na escola. *In*: GOMIDE, P. I.; STELKO-PEREIRA A. C. (org.). **Bullying**: perspectivas e propostas nacionais de intervenção. Curitiba: Juará, 2020. p. 36-44.

SPONCHIADO, V. B. Y. O direito à livre orientação sexual como decorrente do direito fundamental à liberdade. *In*: SIMPÓSIO SOBRE CONSTITUCIONALISMO, DEMOCRACIA E ESTADO DE DIREITO, 1., Marília. **Anais eletrônicos** [...]. Marília: UNIVEM, 2017. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/1simposioconst/article/view/1181>. Acesso em: 27 maio 2026.

VALSINER, J. **Fundamentos da psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VALSINER, J. **An invitation to cultural psychology**. Newbury Park: Sage, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781473905986>

VALSINER, J. **General human psychology**. [S. l.]: Springer, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-75851-6>

ZITTOUN, T. Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. *In*: VALSINER, J.; MOLENAAR, P.; LYRA, M.; CHAUDHARY, N. (Orgs.). **Dynamic process methodology in the social and developmental sciences**. [S. l.]: Springer, 2009. p. 405-429. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-0-387-95922-1\\_18](https://doi.org/10.1007/978-0-387-95922-1_18)

ZITTOUN, T.; VALSINER, J. Imagining the past and remembering the future: How the unreal defines the real. *In*: SATO, T.; MORI, N.; VALSINER, J. (org.). **Making of the future**: The Trajectory Equifinality Approach in Cultural Psychology. Charlotte: Emerald Publishing Limited, 2016. p. 3-19. DOI: <https://doi.org/10.1108/978-1-68123-548-620251003>

*Recebido em 15/03/2026*

*Versão corrigida recebida em 18/05/2026*

*Aceito em 19/05/2026*

*Publicado online em 03/06/2026*